

# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

# 2

---

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA  
(ORGANIZADOR)

# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

# 2

---

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA  
(ORGANIZADOR)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual 2

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Pedro Henrique Máximo Pereira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual 2 / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-968-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.681221002>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Enquanto o livro “Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual”, volume 1, tensiona sobre as possibilidades de **produção** e **percepção** do espaço, este volume 2, agora diante das leitoras e leitores, por sua vez, possui outra característica.

Há aqui três agrupamentos possíveis. O primeiro encontra-se nas reflexões sobre a **desigualdade social**, a necessidade da habitação e os meios para alcançá-la. O segundo está estritamente detido nas questões relacionadas ao **ensino** de arquitetura, de projeto de arquitetura, da paisagem e à pesquisa. O terceiro, por fim, está relacionado ao **patrimônio**, à memória, aos centros históricos e às obras isoladas de valor artístico e histórico.

Este conjunto pode ser traduzido, face ao contexto mais amplo de crise e pandemia que vivemos, com as preocupações atuais sobre as demandas por ele trazidas ou aprofundadas.

Primeiro, quais as causas do aumento da desigualdade e, por consequência, da crise habitacional que empurrou milhares de pessoas à informalidade e à situação de rua no Brasil? Como solucionar este problema em agravamento acelerado? Como interrompê-lo agora e no médio-longo prazo? Quais exemplos efetivos podem ser trazidos à mesa para o debate?

A segunda preocupação encontra-se concentrada nas reflexões sobre o ensino de projeto de arquitetura e da paisagem. Quais os rumos do ensino face às demandas recentes? Como reforçar habilidades e competências necessárias para o pleno exercício crítico da profissão a partir do ensino e da pesquisa? Quais métodos utilizar? Como avaliar tais resultados?

A terceira preocupação está detida no valor patrimonial, histórico e artístico dos centros históricos e obras isoladas. Quais impasses estão presentes no patrimônio histórico? Quais mensagens tais patrimônios nos trazem ao presente? Aqueles monumentos que não traduzem necessariamente valores humanitários do presente, são para preservar ou apagar? Como reconhecer e resgatar o valor e o sentido de beleza de sítios históricos e de obras isoladas recentemente reconhecidas como relevantes? Como valorizá-las, trazê-las à tona, conservá-las?

Caro leitor, cara leitora. Certamente os textos presentes neste segundo volume não nos apresentarão respostas definitivas a tais questionamentos. Certamente não há respostas fáceis e prontas para nossos dilemas aqui representados. No entanto, este rico conjunto de textos reflexivos e críticos contribuirão para os debates já existentes, mas estressados pelas realidades que nos assolam, de modo ímpar.

Assim, estimo, a leitoras e leitores, excelente leitura e reflexão!

Pedro Henrique Máximo Pereira




## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL

Giuliana Lima Oliveira

Vera Santana Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210021>


### **CAPÍTULO 2..... 18**

TRANSDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO SOCIAL INFLUÊNCIA DOS REGULAMENTOS MEXICANOS

Thania Batista Estévez

Bertha Lilia Salazar Martínez

Luis Arturo Vázquez Honorato


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210022>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

NOTAS SOBRE UNA EXPERIENCIA FORMATIVA RADICAL: TALLERES ARTÍSTICOS Y TÉCNICOS SUPERIORES (VKHUTEMAS VKHUTEIN 1920-1932)

Celso Valdez Vargas


Selene Laguna Galindo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210023>

### **CAPÍTULO 4..... 44**

APONTAMENTOS SOBRE AS AULAS DE PROJETO EXECUTIVO NO ÂMBITO DA EAU-UFF A EXPERIÊNCIA DO PROJETO EXECUTIVO NAS ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO, UMA REFLEXÃO


Pedro da Luz Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210024>

### **CAPÍTULO 5..... 57**

EL TALLER DE PAISAJE, ESTRATEGIAS Y OBJETIVOS, EMPATIA, LA ARQUITECTURA COMO RESPUESTA

José Luis Jiliberto Herrera

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210025>


### **CAPÍTULO 6..... 70**







A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO META NO PROCESSO CRIATIVO E PROJETUAL ATRAVÉS DA MAQUETE FÍSICA NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO-UFSM/CS

Ana Elisa Souto

Mylena Roehrs


Pedro Gabriel Pedra Kolbe

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210026>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>82</b>
DIMENSIONES FACTORIALES DE LA BELLEZA EN LOS CENTROS HISTÓRICOS	
Sara González Moratiela	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210027">https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210027</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
PERCEÇÃO DA PAISAGEM SONORA DE UM PARQUE URBANO	
Elcione Maria Lobato de Moraes	
Paulo Chagas Rodrigues	
Izabel Bianca Araújo Lopez	
Mayanne Silva Farias	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210028">https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210028</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>108</b>
RESTAURO ABERTO: UMA EXPERIÊNCIA PARA VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO ARTÍSTICO-CULTURAL	
Eliana Zaroni L. Silva	
Noemi Zein Telles	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210029">https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210029</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>122</b>
DESTRUIÇÃO DE MONUMENTOS: ATENTADO À MEMÓRIA OU RESOLUÇÃO DE DESAVENÇAS?	
Melissa Ramos da Silva Oliveira	
Maria Augusta Deprá Bittencourt	
Victória Christina Simões Pinheiro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100210">https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>134</b>
ALVENARIAS VERNÁCULAS: RECUPERAÇÃO E DIFUSÃO DE SISTEMAS CONSTRUTIVOS DE SÃO JOÃO DEL-REI E REGIÃO	
Mariana Soares Arcanjo	
Alexandre Campos Silva	
Mateus de Carvalho Martins	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100211">https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>148</b>
MAPEAMENTO DAS CONSTRUÇÕES MODERNISTAS DE PONTA GROSSA	
Ana Paula Alece Koch	
Jeanine Mafra Migliorini	
Mariana Lemos Cavalcanti Gomes Soares	
Natália Martins Michalowski	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100212">https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
ARQUITETURAS PINTADAS: O DENTRO E O FORA NAS CASAS GERMÂNICAS DE	

ANTÔNIO CARLOS

Sandra Makowiecky


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100213>

**CAPÍTULO 14..... 172**

A ESTÉTICA SOCIAL E A SUSTENTABILIDADE DA ESTRUTURA APARENTE DA  
ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA DE MARCOS ACAYABA

Mariana Rabello de Almeida

Ricardo Carvalho Lima Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100214>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 194**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 195**

# CAPÍTULO 5

## EL TALLER DE PAISAJE, ESTRATEGIAS Y OBJETIVOS, EMPATIA, LA ARQUITECTURA COMO RESPUESTA

*Data de aceite: 01/02/2022*

**José Luis Jiliberto Herrera**

Dr.Arquitecto, profesor de Proyectos Arquitectónicos en la Escuela técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Málaga

### THE LANDSCAPE WORKSHOP, STRATEGIES AND OBJECTIVES, EMPATHY, ARCHITECTURE AS THE ANSWER

**ABSTRACT:** In the landscape workshop we try to make the project process, to some measure, verifiable and objective, and to respond to the student's research and diagnostic work.

It was an initial objective to avoid the subjective evaluation/correction of the students' work, therefore, we tried to make sure that, through the process and the research work around the questions raised, the students reached some project objectives so that these objectives were the rule to measure and assess to what extent the architecture, finally proposed, responded to the stated objectives. The process of theorisation of the learning methodology has been a natural trial and error process in which we try to make the students find the architecture that is their answer to the project's problems.

**KEYWORDS:** Architectural projects, empathy, teamwork, evaluation by objectives, architectural language.

**RESUMEN:** En el taller de paisaje intentamos que el proceso de proyecto sea un proceso, en

alguna medida, verificable y objetivable, y que responda al trabajo de investigación y diagnóstico del alumno.

Era un objetivo inicial huir de la evaluación/corrección subjetiva del trabajo de lxs alumnxs, por tanto, buscábamos que, por medio del proceso y trabajo de investigación en torno a las cuestiones planteadas, lxs alumnxs llegasen a unos objetivos proyectuales de forma que estos objetivos fuesen la regla de medir y valorar en qué medida la arquitectura, finalmente propuesta, respondía a los objetivos enunciados. El proceso de teorización de la metodología de aprendizaje ha sido un proceso natural de pruebas y errores en el que intentamos que lxs alumnxs encuentren la arquitectura que es su respuesta a los problemas del proyecto.

**PALABRAS CLAVE:** Proyectos arquitectonicos, empatia, trabajo en equipo, evaluacion por objetivos, lenguaje arquitectonico.

### INTRODUCCIÓN

De las formas en que se ha definido la enseñanza de proyectos arquitectónicos, quizás la que nos resulta más cercana es la de Aprendizaje Basado en Problemas (ABP), ya que remite a la definición que Sáenz de Oíza hacía de la arquitectura, "la arquitectura como problema de proyecto y como problema no resuelto" y más adelante, . Es un problema de cultura, un problema universal, de expresar el vivir del hombre sobre la tierra. (Saenz de Oíza, 2016), y esa es la forma en que enfocamos el aprendizaje en el taller.

El Taller de paisaje, perteneciente al Área de proyectos Arquitectónicos, está inserto en el tercer curso de la carrera, primero en la titulación de arquitecto y actualmente en el grado en la escuela de Arquitectura de Málaga

Desde el principio, en 2010, de forma intuitiva, entendimos que el taller debería ser un simulacro de lo que entendíamos era el quehacer creativo del arquitecto, tal como lo desarrollábamos en nuestro ámbito profesional y esto fue un impulso y una limitación a la vez.

Porque, esta es la siguiente pregunta que nos hicimos, ¿Qué enseñamos? La escuela de Málaga, de reciente creación, es una escuela construida sobre el esfuerzo de arquitectos que ejercen profesionalmente y deciden dar clases y transmitir su saber hacer.

Entonces, enseñamos lo que somos y hacemos. Ese es el punto de partida de un proceso de reflexión sobre el propio quehacer. No buscábamos una teoría del proyecto, pero de alguna manera el proceso de reflexión sobre el proceso de enseñanza, la relación con lxs alumnx, los resultados, los fracasos, nos han llevado a desarrollar una cierta metodología de enseñanza, que, con el tiempo, descubres está en sintonía con otras que, otras personas están experimentado en otras escuelas.

## **¿QUÉ ENSEÑAMOS CUANDO ENSEÑAMOS PROYECTOS ARQUITECTONICOS?**

Quizás esta es la pregunta clave que debería iniciar una reflexión sobre la enseñanza de proyectos, porque cuando leemos las diferentes experiencias publicadas, nadie explica que tipo de arquitectx está formando, sería interesante leer las razones por las cuales se desarrolla un modelo de enseñanza en relación con la manera en que se entiende la arquitectura. Parece que todos damos por supuesto que hablamos de la misma “Arquitectura”, y es lógico pensar que no es así, en cada departamento de proyectos se desarrolla una visión de la arquitectura, una ideología arquitectónica, no siempre explícita.

Creemos que, definir previamente, la arquitectura que buscamos es un paso necesario en el proceso pedagógico.

Ya que, si no defino mis objetivos, ¿cómo evalúo mis resultados?

Si lo intentamos explicar de forma sintética, lo vemos de la siguiente manera: enseñamos a proyectar Arquitectura y lo primero que vemos es que, de todas las capacidades que lxs alumnx adquieren a lo largo de la carrera, esta es la única específica del arquitecto, en todas las demás capacidades que lxs alumnx adquieren durante la carrera, existen profesionales externos que, de forma específica, tienen un saber hacer propio y muchas veces más preciso, ya que solo se dedican a esta saber hacer.

Por tanto, y es una obviedad decirlo, Proyectar arquitecturas solo lo hacen lxs arquitectxs, evidentemente, a partir de cierto nivel, como decía Oíza<sup>1</sup>, y es importante no

---

1 Todos saltamos, escribimos o hacemos versos, saltadores o poetas lo son a partir de un cierto nivel. (Saenz de Oíza, 2016).

olvidar esto, ya que todas las metodologías de acercamiento a la realidad, de acercamiento al proyecto, tienen como objetivo dar respuesta al problema de proyecto en forma de proyecto arquitectónico, ya que es nuestra forma específica de interactuar con la sociedad y de ser con el mundo que habitamos.

Dicho de otra forma, los arquitectos habitamos un mundo propio, construido con el lenguaje de la arquitectura y desde este mundo propio construido de forma autopoietica, nos relacionamos con la sociedad para la que construimos en forma de arquitecturas los lugares donde habitan los seres humanos.

Y esta es una cuestión fundamental en esa relación de lxs architectxs con la sociedad para la que proyectan, en el origen del proyecto arquitectónico, en el origen de la relación que la sociedad y lxs architectxs establecen, entendemos, está siempre, la reflexión de Heidegger : “No habitamos porque hemos construido, sino que construimos y hemos construido en la medida en que habitamos, es decir, en cuanto que somos los que habitan.”

Construir es propiamente habitar. El habitar es la manera de ser de los mortales en la tierra.”. (Heidegger, 1967)

Lxs architectxs imaginamos, proyectamos los lugares donde la gente puede habitar y construir el relato de sus propias vidas, proyectamos los lugares donde los seres humanos van a vivir sus vidas y estas arquitecturas se incorporarán a su relato personal y la arquitectura pasará a ser parte de la realidad que fluye y constituye el mundo.

Entonces, respondiendo a la pregunta del enunciado, intentamos enseñarles a los alumnos la responsabilidad que tienen con el mundo para el que proyectan y que, esa responsabilidad se traduce en su capacidad de dar respuesta a los problemas del proyecto en forma de arquitectura, ya que esa es su personal responsabilidad, aportar al mundo las arquitecturas que construyen los lugares donde las personas habitan, viven sus vidas, desarrollan el relato de su vivir.

## **LXS ARCHITECTXS Y SU RELACIÓN CON EL MUNDO REAL**

Si bien lo fundamental es la respuesta en forma de arquitectura que damos a los problemas que se nos plantea, no es menos cierto que, la adecuación de la arquitectura a las demandas planteadas es una cuestión que ha pasado a ser clave del quehacer profesional y de la enseñanza, por esto, a nuestro parecer, una de las aportaciones fundamentales, a la enseñanza, son aquellas que se denominan “Aprendizaje servicio (APS)”<sup>2</sup> así como aquellas que ponen el énfasis en la empatía del arquitecto con el “mundo” para el que proyectan.

De acuerdo a las reflexiones de Patrik Schumacher (Schumacher, 2011), desarrolladas en *The autopoiesis of Architecture*, y que, en cierta medida, desarrolla la idea de la cultura

<sup>2</sup> El aprendizaje-servicio es una propuesta educativa que combina procesos de aprendizaje y de servicio a la comunidad en un solo proyecto bien articulado en el que los participantes se forman al trabajar sobre necesidades reales del entorno con el objetivo de mejorarlo Puig y Palos (2006:61):

como un sistema cerrado de conversaciones, un sistema autopoietico, investigado por Franz Luhman y que a su vez la toma del Biólogo chileno Humberto Maturana (Maturana R & Varela G, De máquinas y seres vivos. Autopoesis: La organización de lo vivo, 1998).

De estas reflexiones deducimos que la arquitectura, como sistema cultural, es un sistema social operativamente cerrado y autónomo, un sistema autopoietico, que actúan en clausura autorreferencial para producir sus componentes, sus operaciones son recursivas, para el sistema lo que ocurra fuera del sistema no tendrá impacto en él a menos que sea tematizado en la comunicación.

La arquitectura se produce desde la arquitectura y lo que ocurre fuera de ella debe ser incorporado por esta en la comunicación para que provoque cambios en su estructura.

De acuerdo a las teorías de Maturana&Varela, la comunicación se produce por gatillamiento o activación de un dominio en otro, de forma que la acción produce cambios que son coherentes con la estructura del otro dominio. Es decir, que si un dominio no es capaz de asumir el cambio, conservando su estructura, este cambio no se producirá y por lo tanto no se producirá comunicación.

Otro de los aportes interesantes es la forma en que definen la aceptación de otro dominio:

“Pero, ocurre que todo aceptar a priori se da desde un dominio emocional particular en el cual queremos lo que aceptamos, y aceptamos lo que queremos sin otro fundamento que nuestro deseo que se constituye y expresa en nuestro aceptar. En otras palabras, todo sistema racional tiene fundamento emocional, y es por ello que ningún argumento racional puede convencer a nadie que no esté de partida convencido al aceptar las premisas a priori que lo constituyen” (Maturana R & Varela G, El árbol del conocimiento, 2003)

Esta necesidad de aceptación emocional de un argumento racional es básica para la comunicación entre lxs arquitectxs y la sociedad, en ambos sentidos, es decir, que los arquitectxs necesitan una aproximación emocional al problema arquitectónico y a su vez la sociedad necesitará el acercamiento emocional al proyecto arquitectónico para su aceptación.

La comunicación, en términos de Varela&Maturana, no se produce por transmisión de información, si no que la acción de un dominio activa, gatilla en el otro dominio cambios, coherentes con su propia estructura, que llamamos aprendizaje. Y que estos cambios se producen desde una aceptación emocional del cambio.

Esta labor de empatía hacia el problema del proyecto se fundamenta en la emoción y en el acercamiento fenomenológico al problema de proyecto. El acercamiento sin prejuicios y la aceptación del otro frente a uno como un legítimo otro, pasan a ser claves para intentar buscar una respuesta arquitectónica que se adecue a las demandas planteadas.

Entendemos que es imprescindible que lxs nuevos arquitectxs incorporen en su quehacer un acercamiento fenomenológico y pleno de empatía hacia los problemas que el proyecto arquitectónico les plantea.

## PROYECTO POR OBJETIVOS

Otro de los aspectos claves del proceso de proyectos, es fijar los objetivos, y estos pueden ser externos, personales, emocionales, subjetivos, surgir de la investigación o de tu personal experimentación arquitectónica, pero es fundamental definirlos de forma explícita, ya que es la única forma que tenemos de evaluar los resultados obtenidos.

Este proceso de crítica y evaluación que se realiza de forma permanente en el desarrollo profesional, es imprescindible ponerlo de manifiesto de forma clara durante el proceso de aprendizaje.

Lxs alumnxs deben entender que el proceso por el cual una nueva arquitectura se incorpora al mundo, no termina nunca, es un proceso en continua revisión en la fase de proyecto e incluso cuando la obra se finaliza, la arquitectura continua su adecuación al mundo real.

Por tanto, en la medida que somos los profesionales que proyectamos esa arquitectura en el futuro, debemos tener esa herramienta de guía, que nos permita revisar, evaluar, criticar el trabajo realizado.

## Y UNA VEZ QUE SABEMOS LO QUE HAY QUE HACER, ¿QUE HACEMOS?

El proyecto arquitectónico trae un mundo nuevo a la mano.

El acercamiento fenomenológico, de alguna manera sistémico, a los problemas del proyecto arquitectónico, nos permite, a lxs arquitectxs, acotar el campo de trabajo, definir estrategias, evaluar posibilidades, establecer prioridades, de forma que cuando se plantee el salto cualitativo, el salto creativo que conlleva el proyecto arquitectónico, las posibilidades de que esta propuesta arquitectónica responda con plenitud a los objetivos que nos hemos propuesto.

“El tercer aspecto que se debe aprender es que la arquitectura en realidad no existe. Solo existe la obra de arquitectura. La arquitectura existe en la mente.

Un hombre que realiza una obra arquitectónica lo hace como una ofrenda al espíritu de la arquitectura... al espíritu que no conoce estilos, que no conoce técnicas, ni métodos.” (KAHN, 2002)

Decía Sáenz de Oíza, en clase, que cuando el alumno entendiera lo que es la arquitectura habría que darle el título, con esto estaba explicitando que, durante los 6 años de carrera lxs alumnxs dedican su esfuerzo a entender, desde la práctica del proyecto, qué es la arquitectura, para con ese conocimiento ser capaces de plantear una obra de arquitectura.

Cada taller de proyectos le da a sus alumnxs una cosmogonía de la arquitectura, todos lxs arquitectxs recibimos una durante nuestros años de escuela y construimos la propia con nuestra propia experiencia y quehacer.



Desde un punto de vista pedagógico nos parecen validas todas las cosmogonías, nos interesan todos los lenguajes arquitectónicos con los que se construyen estos relatos. Lo que si nos parece imprescindible es la coherencia del lenguaje y del relato.

El proyecto arquitectónico tiene que dar respuesta a problemas tan diversos y complejos que necesita una organización estructural de su propio lenguaje, sólida y flexible, que permita crear una respuesta coherente con el medio y a su vez coherente consigo mismo, capaz de cambiar y mantener la coherencia de su proyecto.

En este sentido, y ya como elección pedagógica, nos parecen sugerentes y muy estimulantes las propuestas de Federico soriano en su libro Sin Tesis (Soriano, 2004).

### **“SIN ESCALA / SIN FORMA / SIN PESO / SIN PLANTA / SIN DETALLE”**

Y por supuesto la definición extraída del manifiesto incompleto para el crecimiento de Bruce Mau:

“El proceso es más importante que el resultado. Cuando el resultado conduce al proceso llegaremos sólo adonde ya hemos estado. Si el proceso conduce al resultado, no podemos saber hacia dónde vamos, pero sabremos que queremos estar allí.” Bruce Mau -An incomplete manifesto for growth- (Mau, 1998).

Estas estrategias proyectuales llevadas al ámbito del taller nos permiten, a lxs profesorxs, a mantener una mirada fenomenológica sobre el trabajo de lxs alumnx, anterior a todo juicio previo, con la confianza en que el proceso de trabajo del taller les llevará, a lxs alumnx, a descubrir los proyectos arquitectónicos que responden a las preguntas que ellos se han formulado y que a su vez les lleva a experimentar la revelación que supone entender que el proyecto arquitectónico surge de tu propio trabajo de acercamiento al proyecto, del esfuerzo y de descubrir lo que es la arquitectura.

### **EL TALLER DE PAISAJE**

El taller surge en el curso 2010-11, inserto en el tercer año de la carrera, la mayor parte de lxs alumnx tiene ya un manejo del lenguaje arquitectónico, pero su nivel de madurez es incipiente. Al hacernos cargo del taller entendimos que la posibilidad de trabajar con objetivos muy lejanos de los programas edificatorios habituales de las escuelas de arquitectura nos permitía conseguir que lxs alumnx entrasen en el proyecto sin juicios previos, de alguna manera con el espíritu y la mente limpia y sobre todo llenos de dudas e interrogantes.

Entendimos, desde el principio, el paisaje, objeto del taller, como el paisaje habitado, antropizado, nos interesó el paisaje estragado, nos interesó el paisaje sin identidad, nos interesó el paisaje no natural, nos interesó el deambular en el paisaje.

## DINAMICA DEL TALLER

El taller se estructura de una forma bastante sencilla, secuencial y circular.

El trabajo de lxs alumnxs comienza por la investigación fenomenológica del lugar, cada taller se estructura en torno a un lugar sobre el que hay que intervenir, ¿cómo? Aun no lo sabemos, la definición de la intervención vendrá de la investigación.

El taller tiene clases un día a la semana, 4 horas. Normalmente dedicamos las primeras cuatro semanas a la investigación, el taller se organiza como un único taller de 25 alumnxs, dividido en equipos de 4, pero en esta primera fase todo se comparte, de forma que tenemos 25 personas investigando sobre un mismo lugar a lo largo de 4 semanas.

Ya en la segunda clase los equipos comienzan a exponer sus investigaciones, damos mucha importancia a la observación directa del lugar, a la recogida de información por el deambular en el lugar, usando videos, fotos, dibujos, etc.

También es muy importante la navegación online, el navegar por internet tiene algo de deambular sin curso fijo, pasas de un enlace a otro y vas descubriendo sitios no previstos.

Es muy interesante, en esta fase de investigación, observar como los equipos van decantando sus miradas hacia determinados sitios y otros a otros, sin tener que determinarlo, el conjunto de equipos hace un barrido sobre el lugar muy completo.

Al final de esta fase cada equipo debe presentar el resumen de sus investigaciones y sus conclusiones y lo que es más importante, los objetivos de la intervención que deben proponer.

Es decir, cada equipo decide qué y cómo intervenir en el lugar, en coherencia con la investigación.

Se les pide, y esto es importante, que definan la intervención con un lema, un leitmotiv que les sirva de guía en el proceso de proyecto.

En esta fase, dejamos claro dos conceptos que a veces atascan el trabajo, no es necesario, en este ámbito pedagógico, abarcarlo todo, si dispusiéramos de un tiempo indeterminado si lo plantearíamos, pero, en un cuatrimestre, el objetivo es acercarse fenomenológicamente al lugar y encontrar, en este, el leitmotiv del proyecto, es suficiente. Lo otro, es entender que, la investigación de lxs arquitectxs, es siempre interesada, investigamos para intervenir, lo que obliga a una mirada disociada, miras para ver, pero también miras para encontrar.

Tras esta fase comienza la fase de proyecto de intervención, cada equipo debe proyectar de acuerdo a su investigación y objetivos una propuesta arquitectónica que proponga un nuevo habitar en ese lugar, porque ese es el objetivo del taller, construir un nuevo habitar en estos lugares. Habitar de una manera nueva estos paisajes.

Resulta muy gratificante descubrir como estxs alumnxs proponen nuevas formas de habitar, como cada equipo encuentra su propio proyecto. En esta fase nuestra tarea es de

colaborador “senior” que ayuda al equipo a plantearse las preguntas correctas para que ellos encuentren el proyecto propio.

En esta fase es muy importante, para lxs profesorxs, abandonar el ego arquitectónico e intentar colaborar en la construcción de cada nueva realidad arquitectónica.

En esta fase la escala de trabajo es grande, 1/1.000\_1/2.000, pero deben aportar elementos que permitan definir la realidad constructiva, arquitectónica y espacial del proyecto.

Al final de esta fase se produce una sesión crítica importante, ya que discutimos la adecuación del proyecto a los objetivos y leitmotiv definidos, así como su capacidad, como pieza de arquitectura de responder a estos objetivos.

Tras esta sesión los grupos se dividen para desarrollar una parte del proyecto de equipo, el objetivo de esta fase, aparte del estrictamente académico de desarrollo de un proyecto en una fase de mayor detalle, a una escala mayor, es el entendimiento del trabajo en equipo como una tarea, no solo de compartir una actividad, si no, de compromiso con un proyecto común.

El trabajo de cada subequipo se debe poder integrar en el proyecto común sin disonancias y además debe servir para revisar y readecuar el proyecto común.

La experiencia de estos años nos indica que, en el taller, si lxs alumnxs desarrollan su trabajo con continuidad y dedicación, no hay suspensos, ya que el proceso de aprendizaje se produce de forma autónoma, lxs alumnxs descubren la lógica de los problemas planteados y la magia del proyecto arquitectónico.

Y sobre todo, lo cual para nosotros es muy importante, aprenden a hacer propios los problemas del proyecto y a encontrar el proyecto arquitectónico en el ámbito de su propia investigación proyectual, ligando una y otra en un proceso único en el que la respuesta es la arquitectura.

## **ALGUNOS EJEMPLOS DE LA PROGRAMACIÓN DEL TALLER DE PAISAJE**

El objetivo del curso de Proyectos 4 se organiza en torno a dos ejes:

En primer lugar, entender el proceso de proyecto como un proceso de investigación, diagnóstico, definición de objetivos y conceptos que estructuran la intervención.

En segundo lugar, el desarrollo del proyecto, la creatividad del hecho proyectual es un proceso en el que el proyectista encuentra su lenguaje entre las demandas específicas del objetivo propuesto y el deseo poético de formas arquitectónicas que den respuesta a esta demanda, porque todo proyecto es la respuesta a estas preguntas.

## **ESPECIFICOS**

El taller trabajará a partir de la idea de preexistencias y relaciones en el paisaje con

las que necesitamos establecer una relación.

La intervención en el paisaje construido o natural se establece sobre la premisa del dialogo y la colaboración con lo preexistente.

Toda arquitectura es la continuación del dialogo entre las personas y su entorno. Al comenzar a pensar en la intervención será necesario reconocer las conversaciones que están ocurriendo, saber reconocer aquello que debe ser conservado y aquello que debe ser cambiado para que la conversación y el habitar continúe.

Se trata de describir y no de explicar o analizar, se trata de ver y al ver reconocer lo que ocurre.

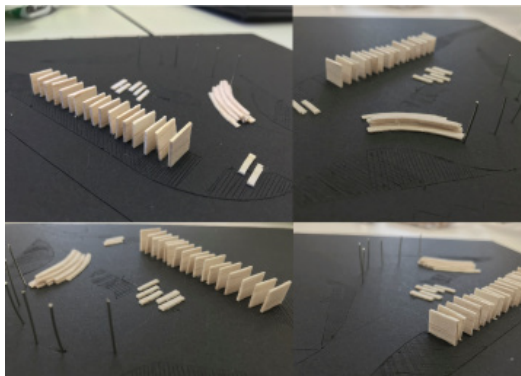
Este reconocimiento del otro nos permitirá establecer las líneas de trabajo, los objetivos y las estrategias de intervención.

Trabajaremos la intervención desde la premisa del recorrido, del deambular en el paisaje.

A continuación, os dejamos un proyecto de cada año, no necesariamente los mejores, simplemente para dejar constancia de los diferentes objetivos que les hemos propuesto a lxs alumnxs así como de la variedad de proyectos que han ido desarrollando en estos años.

## EJEMPLOS DE TRABAJOS DE ESTOS AÑOS

En el curso 2018-19 trabajamos en el entorno de Torrox Costa, hasta el límite con El Morche, un entorno de crecimiento turístico sin planificación, con abandono de los espacios urbanos, separados por la N-340

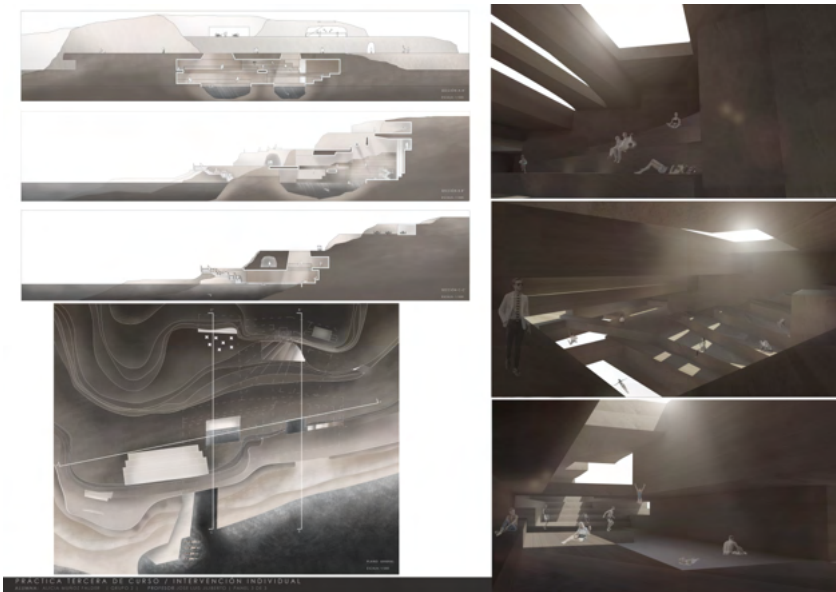


Proyecto del alumno: Omar Martínez.

En el curso 2017-18 se propuso la intervención en el entorno de “La araña”, una zona de casas fuera de ordenación construidas para los trabajadores de la cementera y que se encuentra marcadas por la relación con esta y con el mar.



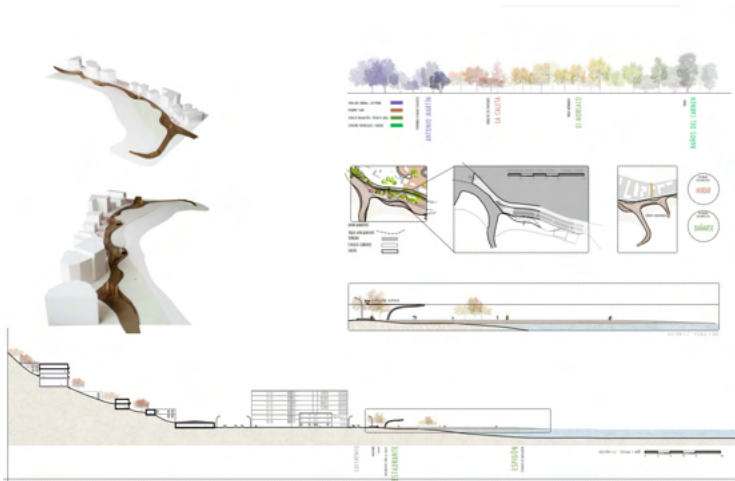
*Proyecto de las alumnas:* Alicia Muñoz, Laura Gamarro, Elena Fernández.

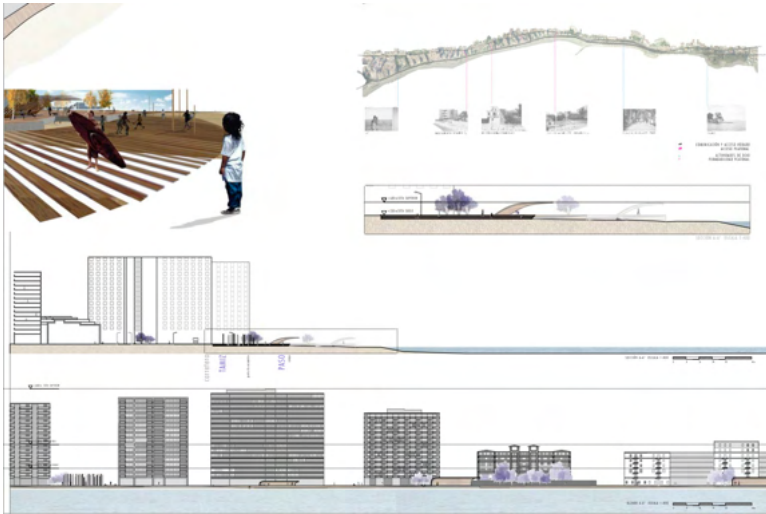


*Proyecto de la alumna:* Alicia Muñoz.



En el curso 2010-11 planteamos la investigación e intervención sobre uno de los espacios mas infravalorados de la ciudad de Málaga, el paseo Pablo Ruiz Picasso, un paseo marítimo agobiado por una vía de circulación rápida de 4 carriles





Proyecto de Ixs alumnxs: Celia López, Manuel Martínez, Isabel Morales.

## REFERENCIAS

Heiddegger, M. (1967). *Bauen Wohnen Denken - Vorträge und Aufsätze*. Stuttgart: Neske Verlag .

Heidegger, M. (2016). *Construir, Habitar, Pensar*. Málaga: Traducción del autor.

KAHN, L. (2002). *Conversaciones con estudiantes*. Barcelona: GG Gustavo Gili.

Maturana R, H., & Varela G, F. (1998). *De máquinas y seres vivos. Autopoesis: La organización de lo vivo* (5ª Ausg.). Santiago de Chile: Editorial Universitaria SA.

Maturana R, H., & Varela G, F. (2003). *El árbol del conocimiento*. Buenos Aires: Lumen.

Mau, B. (1998). <https://brucemaustudio.com/images/an-incomplete-manifesto-for-growth/>. Von <https://brucemaustudio.com/images/an-incomplete-manifesto-for-growth/> abgerufen

Puig, J. y. (2006). *Rasgos pedagogicos del aprendizaje servicio*. Cuadernos de Pedagogía.

Saenz de Oíza, F. (2016). *Escritos y Conversaciones*. Barcelona: Fundación Caja de arquitectos.

Schumacher, P. (2011). *Parametricism and the Autoipoiesis of Architecture*. Los Angeles: Log 21.

Soriano, F. (2004). *Sin Tesis*. Barcelona: Gustavo Gili.





## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Antônio Carlos 5, 159, 160, 161, 162, 165, 170, 171

Arquitetura 1, 2, 3, 5, 1, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 95, 106, 109, 121, 122, 134, 135, 136, 137, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 158, 160, 162, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 187, 189, 192, 193, 194

Arquitetura contemporânea 5, 172, 181, 183

Arquitetura Modernista 151, 158

Arquitetura vernacular 136, 147

### C

Casas germânicas 4, 159

Centro histórico 82, 84, 85

### D

Despatrimonialização 122, 123

Direito à cidade 1

### E

Ensino de arquitetura 2

Estética 5, 38, 47, 54, 71, 82, 84, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 100, 102, 103, 113, 114, 115, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 192, 193

### L

Lenguaje arquitectónico 62

### M

Madrid 42, 82, 84, 85, 94, 107, 164

Mapeamento 4, 148, 149, 151, 152

Maquete física 3, 70, 72, 75, 76, 77, 80, 81

Marcos Acayaba 172, 173, 174, 178, 181, 182, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Memória 1, 2, 4, 109, 111, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 160, 161, 169

Metrô de São Paulo 108, 109

México 18, 19, 20, 25, 26, 27, 42

Monumento 33, 125, 126, 129, 130, 131

## **P**

Paisagem sonora 4, 95, 97, 98, 105, 106, 107

Paisagem urbana 126

Parques urbanos 95, 106, 107

Patrimônio artístico 4, 108

Pessoas em situação de rua 3, 15, 16

Planejamento urbano e regional 71

Ponta Grossa 4, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158

Processo de Projeto 46, 48, 54, 70, 72, 73, 75, 76, 80, 81, 173, 177

Produção social da habitação 18, 20, 23, 24

Projeto arquitetônico 1, 73, 80, 81, 172, 173, 180

Projeto executivo 3, 44, 45, 48, 54, 55

## **Q**

Qualidade ambiental 96, 106

## **R**

Restauração aberta 4, 108, 109, 110, 111, 116, 118

## **T**

Taller de paisaje 3, 57, 58, 62, 64

Talleres artísticos y técnicos superiores 3, 27, 28, 29

Técnicas construtivas 46, 134, 135, 137, 139, 140, 145, 147, 149, 182

Transdisciplinaridade 3, 18, 23, 24, 25

## **U**

Urbanismo 1, 2, 3, 1, 15, 16, 17, 18, 27, 44, 47, 52, 55, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 95, 106, 146, 148, 151, 193, 194

## **V**

Vanguardias soviéticas 27, 38

Vkhutein 3, 27, 28, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42

Vkhutemas 3, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43

# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

# 2

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,  
NOÇÃO DO ESPAÇO,  
IMAGINAÇÃO E  
MEMÓRIA VISUAL

# 2

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)